

ATIVAGA
RA CYGANA DXS ERRANTES
PAPEL VAGABUNDO MATERIAL DESCARTAVEL
CO ARTE
SIA VIDA

VENDO
ARTE
BARATA
CULTVRA DISPENS VEL PAPEL VAGABUNDO
000000000000000000000000
1111111111111111111111111111111111

OCUP. PO
MARIG
PM FIST
MATA
PA T E O D I A
ENSAS

NI
TIS
P



VENDO
ART
BARATA



seja vândalo
seja herói



TOU
TOU



goz
mulher
goz



LIBERDADE
PARA LULA
PAZ
AMOR
POEMAE
JUJUBA.

ISSO E
EXPOSTO

DEUS É FIEL

de cubebra
tem um q. de CASA GRAN

ROBERTO
CARLOS
ANDA
DE
SKS
10

FOI ME
PERDENDO
NAS SUAS
CURVAS QUE
ENCONTREI
O MEU
CAMINHO.

EUSO
PÁSSOU
DE MAIS
PARA SUAS
GAIOLAS.



Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)

Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)

Claudio Cezar Henriques (UERJ)

Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)

João Luiz Pereira Domingues (UFF)

João Medeiros Filho (UCL)

Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)

Leonardo Santana da Silva (UFRJ)

Lina Boff (PUC-Rio)

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)

Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)

Michela Rosa di Candia (UFRJ)

Olavo Luppi Silva (UFABC)

Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)

Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)

Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)

Robert Segal (UFRJ)

Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)

Sandro Ornellas (UFBA)

Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Ana Prado

GRAFITES LITERÁRIOS
Um olhar sobre os escritos
nos muros da cidade

LETRAPITAL

Copyright © Ana Prado, 2025

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

CAPA Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P915g

Prado, Ana, 1957- Grafitas Literários : um olhar sobre os escritos nos muros da cidade / Ana Prado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2025.

170 p. : il. ;15,5x 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-164-4

1. Arte de rua - Rio de Janeiro (RJ). 2. Arte pública. 3. Grafitos. I. Título

CDD: 751.73

25-98381.0

CDU: 7.011.26

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

*Dedico este livro a todos os amantes das cidades,
das ruas e das pessoas que por elas transitam, num vai e vem,
e que sonham e desejam compreender a cidade
que vivemos e que queremos. A utopia é a linha que liga
esses acontecimentos e a poesia faz o amálgama desse caldo
que é viver na cidade, onde tudo serve para a poesia,
como diz o poeta Manoel de Barros:
[...]*Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não
pode vender no mercado, como por exemplo, o coração verde dos
pássaros, serve para poesia [...]**



PASSARINHO NÃO TEM INSTAGRAM

Composição de colagem pássaro da artista Ana Prado, com o poema do poeta
Marcio de Carvalho (@mar_do_vale), encontrado na rua Almirante Alexandrino, Santa Teresa.

Agradecimentos

*Agradeço a todos os amigos que atravessaram minha vida,
em especial aos que contribuíram com este estudo,
nas entrevistas e conversas, como também aqueles que cederam
suas imagens para a publicação no livro.*

Sumário

Prefácio	11
<i>Por Pablo Benetti</i>	
Prefácio 2	15
<i>Por Numa Ciro</i>	
Introdução - Tudo começa na rua	17
Capítulo 1 - A cidade e seus processos.....	25
Capítulo 2 - Cidade território poético	57
Capítulo 3 - Grafites literários e seus fluxos na cidade	77
Capítulo 4 - Visões de alguns atores da cidade	114
Capítulo 5 - Entrelaçamentos transdisciplinares e poéticos ...	122
Capítulo 6 - A poesia continua... ..	136
Referências	139
Registro Fotográfico de outros GLs	145
Quadro-resumo visões dos atores.....	152
Lista de ilustrações.....	166

PREFÁCIO

Por Pablo Benetti¹

VÁRIOS CAMINHOS conduzem ao livro que Ana Prado nos oferece, a autora trabalha profissionalmente com espaço urbano, é arquiteta e projetista de espaços nas favelas da cidade. Sua vida também é marcada por sua atuação como artista plástica, com olhar aguçado para a cidade, mas sobretudo é caminhante, daquelas que observa, registra, pensa e propõe, assim os Grafites Literários (GLs) cruzaram no caminho dela e a estimularam a refletir sobre os múltiplos significados dessas manifestações artísticas.

Desde meados do século XIX há no poder público do Rio de Janeiro uma enorme preocupação para determinar como seriam as ruas, suas dimensões, a altura de suas construções, a condução das águas e, finalmente, o que era permitido e proibido nelas.

Todo o esforço para criar estes espaços inexistentes na cidade colonial vai acompanhado de uma normativa disciplinadora que define não apenas o espaço desejado, mas os comportamentos e hábitos permitidos (Benetti, 2017).

Assim, ruas são, desde meados do século XIX, campo de disputa de sentidos, vários Códigos de Posturas e leis que, a partir de 1830, determinam claramente a estética pretendida para as ruas, quem poderia e deveria usá-las e de que maneira.

Essa disputa se atualiza quando se coloca em questão a imagem das cidades contemporâneas cada vez mais homogêneas e normatizadas, a pasteurização e padronização se opõem os gestos espontâneos, como aqueles que se filtram por entre os dedos das normativas atuais.

¹ Pablo Benetti, arquiteto, Msc e Phd., é professor titular da FAU-UFRJ, pensador urbano e ganhador dos concursos Rio Cidade- Favela- Bairro e Morar Carioca. Diretor da FAU -UFRJ 2002 -2006, pró-reitor de extensão 2011-2015, presidente do CAU-RJ 2021-2023, Personalidade do Ano do IAB em 2023 e Doutor Honoris Causa pela Universidade Nacional de Rosario 2025..

Os GLs, ao disputar – mesmo que não seja um ato explícito e panfletário – quem determina a estética das ruas, contestam a primazia do poder público de definir a estética contemporânea nas ruas.

Trazem à tona com esses gestos o conceito de direito à cidade, entendido não como direito ao consumo urbano, mas no sentido de Lefebvre como de direito à criação da cidade, assim, sem pedir nem solicitar autorização, colocam sua linguagem nas ruas para usufruto de quem quiser. Inscritos nos muros da cidade, os GLs são poesia, resistência, existência, diálogo, que continuam uma tradição de expressão livre que, desde a longínqua Pompeia, provocam reflexão ou simplesmente testemunho.

Há nesse gesto um duplo sentido, do artista se libertar, de expressar e mostrar para fora aquilo que deseja, e do público que, ante esse gesto, reage de diversas maneiras; os GLs carregam em si essa dupla condição, de expressão individual, mas ao mesmo tempo de provocação para o coletivo.

Assim, ao aparecerem nos muros da cidade, os GLs buscam reconhecer o rosto do outro, estabelecendo pontes de sentidos que podem ser compartilhados no campo inicial da política como discussão daquilo que une vontades e desejos.

Arte e ativismo combinam essa forma de expressão que ganha as ruas com o anseio de se tornar matéria de discussão e reflexão além de suas interações com o conceito de alteridade urbana.

Ao mesmo tempo nos desafia a pensar nosso papel na construção da cidade, porque são gestos que contestam as normativas, de maneira silenciosa, e também servem como estímulo para nos questionarmos numa visão ampliada do que somos e para onde queremos ir.

Lidamos aqui com o conceito de *espaços inventados*, gerados pela inventividade artística, em oposição aos *espaços convidados*, atravessados por uma participação social controlada e planejada, determinada pelas políticas urbanas para espaços públicos.

O artista se abre para uma visão relacional com o outro, informado pelos processos políticos, sociais e culturais da contemporaneidade que teimam em estimular o hiperindividual

lismo, contribuindo assim para um campo mais ampliado da nossa existência.

Registramos que o texto traz a luz sobre a atuação de vários coletivos de arte urbana, com ênfase nas relações sociais, que recolocam o artista como um mediador social, estimulando a criação de microestratégias de territorialização, pequenos ruídos na entropia urbana.

A imagem da *Fita de Moebius* com sua continuidade interior-exterior traz a hipótese de que os GLs não são apenas um objeto de manifestação externa na urbe, mas também resultado de um produto elaborado por sujeitos que se conduzem mediante desejos e sonhos envolvidos em mecanismos motivadores de um fazer na cidade, onde a cultura assume papel de destaque, emergindo em espaços opacos e em zonas de resistência.

Finalmente, apontamos que nosso olhar que não será o mesmo depois de ter passado por suas páginas, porque por ele e através dele passaremos a incorporar mais uma camada de significados a nos alertar para essa forma de vida e expressão libertária: os GLs.

PREFÁCIO 2

Por Numa Ciro¹

AO PRIMEIRO OLHAR, fui arrebatada pelo título que Ana Prado deu ao seu livro. No claro instante em que li “Grafites Literários – Eu, tu e o Outro – Alteridade Urbana na Cidade do Rio de Janeiro”, percebi a dimensão da originalidade do seu trabalho, no qual a ética e a estética foram engendradas numa proposta precisamente definida e realizada.

A Introdução me jogou literariamente nas ruas para começo de conversa, e assim virei uma *flâneur* impulsionada por um prazer inquietante a cada passo da leitura. O título compõe uma síntese perfeita do tema abordado e desperta uma curiosidade que ultrapassa a surpresa inicial: cada página pode ser comparada a uma avenida teórica e imagética.

A criação do sintagma GRAFITES LITERÁRIOS mudou o meu olhar e desde então a cidade se revela como palco, museu a céu aberto, livro, escola. Ana Prado proporciona uma viagem inusitada quando, ao acompanharmos as andanças da pesquisadora, ela nos ensina a ler as imagens e as letras grafitadas nos muros e paredes da cidade. Aos seus olhos, a sua escrita nos revela as artes das ruas em suas plasticidades literárias e poéticas, em seus discursos políticos, no enfrentamento de questões cruciais como o racismo e as desigualdades sociais, inscritos por meio de diversas técnicas, como *spray*, tinta, impressão digital.

A autora soube ler nas imagens, porque se dispôs a construir um pensamento de trânsito livre e assim construiu uma abertura afetiva e intelectual para sua análise da arte dos grafites. Tomá-los como Arte contemporânea, faz avançar a discus-

¹ Numa Ciro, Psicanalista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise-Seção Rio de Janeiro. Mestrado e doutorado em Ciência da Literatura, pela UFRJ. Pesquisa sobre o *rap*, um dos elementos do *hip hop*. Pesquisadora associada do PACC-UFRJ, onde fez o pós-doutorado em Cultura Contemporânea. Coordenadora do Programa Universidade das Quebradas, que fundou com Heloisa Teixeira (UFRJ/ABL). Artista de *performance*, criou o Monólogo Cantante, uma modalidade de teatro/canto.

são e as possibilidades de mudanças em relação aos embates sempre renovados que opõem arte popular e arte erudita.

No universo do seu texto, a autora construiu uma ágora, onde sua leitura da(o)s autora(e)s teóricos e da(o)s artistas compõe estratégias de convivência, mobilizando um trânsito que faz valer os fundamentos teóricos e metodológicos adotados numa perspectiva política, com um manejo transdisciplinar, envolvendo as áreas do urbanismo, tocadas pelas artes plásticas, que tocam as poéticas tocadas pelas literárias onde a psicanálise se toca mais uma vez da importância da arte para fundamentar o seu campo de saber.

Neste livro, Ana Prado ainda nos oferece as imagens dos Grafites Literários que fotografou nas ruas e nos faz compartilhar as experiências de todos a(o)s artistas envolvidos nesse processo. A autora nos guia por um percurso traçado, como ela mesma define, pela *Fita de Moebius*, ao adentrarmos o dentro e o fora do objeto e do sujeito, dentro e fora de nós, dentro e fora dos espaços onde se constroem essas narrativas literárias e críticas nas superfícies do corpo urbano, tatuadas na materialidade concreta da cidade: nos muros, nas paredes, nas calçadas, nas portas... e assim por diante.

Ana Prado nos deu um OUTRO OLHAR.

Depois de seu livro, a cidade jamais será a mesma.



INTRODUÇÃO

Tudo começa na rua

A RUA NOS ENCANTA, com seus mistérios que emanam de cada esquina, prédio, casa, bares, lojas, tudo parece mágico, nos inspira e respira. As ruas na cidade são nossas artérias, nossos braços e pernas, nos levam e trazem de um lugar ao outro, nada mais surpreendente do que essa possibilidade de ir e vir. Na rua nossas emoções afloram, nossos erros e acertos são evidentes. Ela nos convida a ficar juntos, permite deixar nossas marcas numa simples conversa, numa caminhada; todo mundo já experimentou dizer “conheço essa rua”, “tal rua tem uma loja que vende isso ou aquilo”, “que lindo aquele prédio”, ou “não gosto daquele lugar”; tudo isso define muito bem o espaço social da cidade em que vivemos.

A rua está presente nas nossas vidas de forma significativa, não é possível viver sem ela. Existem ruas que têm até festa de aniversário, como foi o caso da Rua da Carioca no Rio de Janeiro, em outros tempos de sua glória.

A partir dessas sensações e sentimentos, e como moradora desta cidade, este livro levanta questões a partir da observação dos acontecimentos que participam do nosso cotidiano, recheado de manifestações artísticas, elaborada por diferentes personagens que gostam e amam escrever nos muros da cidade. As reflexões aqui colocadas fazem parte de uma certa inquietação que emerge pela leitura dos diversos textos e temas distribuídos pela cidade do Rio de Janeiro em forma de grafite. Segundo Frei Betto (1992, p. 45 e 46), “inquietação é a maior virtude do pensador cujas interrogações prevalecem sobre a resposta e isso coloca a utopia emergente e aberta como um lugar que nos mobiliza e nos faz viver, detentora de esperança e de uma vida vibrante”.

No percurso dessas inquietações, a cidade ocupa um lugar de destaque, e aqui o espírito do *flanêur* me conduz encarnada

pela poética do “fazer botânica no asfalto”, como diz Walter Benjamin (1989, p. 34 e 35), que expressa um profundo sentimento pela vida na rua, onde ele a faz de morada, afirmando que “os letreiros são adornos de parede e seus muros são a escrivinha onde anota seus apontamentos”.

Inspirada por essas sensações, o gosto pelas caminhadas me levou a perceber a diversidade dos escritos nos muros, que, de uma maneira muito particular, estão presentes no nosso cotidiano, dialogando com os transeuntes e com os amantes da rua. Essa percepção é fruto do entendimento que existem diferentes dimensões nos seus conteúdos, e que isso reflete sentidos que nos fornecem sinais de como a cidade se revela mediante essas manifestações. Logo, a necessidade em classificar e nomear esse tipo de grafite se evidenciou, numa modalidade que se diferencia dos grafites figurativos com desenhos e/ou pinturas. A estrutura de comunicação se faz pela palavra e o texto, que se destacam com uma força, buscando uma interação com o outro na cidade, o cidadão.

A palavra “grafite”, segundo o *Dicionário Aurélio*, tem dois sentidos: um entendido como “lápiz próprio para desenhar” e outro que significa “palavra, frase ou desenho, geralmente de caráter jocoso, informativo, contestatório ou obsceno, em muro ou parede de local público” (Ferreira, 1989, p. 1.002). Essa definição revelou e iluminou meu pensamento, pois unia os dois significados do que vinha acontecendo na cidade, e ia além de um desenho ou imagem. Por vezes, várias expressões, tais como “escritos nas paredes”, “textos nos muros”, “poesia na parede”, mas nenhuma delas deu conta o suficiente ao que de fato estava sendo observado.

Dessa forma, grafite como “palavra/frase”, emerge na composição de uma escrita artística em versos, fixada em memórias criadoras de imagens, fruto de uma necessidade universal de ficção, nas suas mais diversas expressões, que pertence ao mundo literário. Segundo Antonio Candido, a literatura responde dando lugar a essa produção e fruição, e que em nossa civilização tudo isso culminou nas formas impressas – livro, folheto, revista, poema, conto, romance – fruto de narrativas diversas que dão sentido e exploram o campo da subjetividade humana (Candido, 2002, p. 80),

Nesse sentido, a junção dos termos grafite e literário é inevitável, e logo cunhou o nome que chamo **Grafite Literário (GL)**, que nomeia este livro e se torna o elemento fundante que configura essas manifestações artísticas nos muros da cidade, que transita pelos aspectos de uma intervenção urbana, de características efêmeras, com uma grande variedade de significados textuais de natureza política, poética, artística e literária, como pode ser visto nos exemplos a seguir na Figura 1.



Figura 1 – Grafites *Nunca desista de você* (Lapa; foto cedida pelo autor), *As ideias voltarão a ser perigosas* (Santa Teresa; foto desta autora), *O caminho muda o sentido da poesia, então pega na minha estrofe* (Santa Teresa; foto desta autora).

Como estrutura para se compreender melhor em qual sistema os grafites literários se inserem, mediante as demais linguagens no uso dos muros da cidade, existe uma classificação elaborada por três pesquisadores (Rink; Vasques-Menezes; Mettrau, 2018, p. 336), que divide em quatro categorias a arte urbana:

Categoria	Definição
a) Pichação como marca pessoal	Diferenciação entre pichador e grafiteiro
b) Iniciação na arte de rua	Experiência pessoal de formação na arte de rua
c) Estético-cultural	Cuidar da cidade através do seu embelezamento
d) Contestação e crítica social	Críticas que expressam preocupações sociais

Os GLs, na expressão em que este livro propõe, são classificados na categoria de contestação crítica e, a partir dessa dinâmica, algumas perguntas emergiram, cujas repostas serão

respondidas ao longo do livro: que mensagens e sentidos os GLs anunciam nos termos das questões sociopolíticas e culturais na imagem da cidade? O que leva o artista a produzir os GLs nos muros da cidade? Em que medida essas intervenções fazem parte de um sistema de relações que protagoniza a cidade como um lugar de discurso?

Isso nos conduz a pensar os GLs não como manifestações isoladas no espaço urbano, mas como uma manifestação que acompanha um conjunto de transformações que percorre a história da cidade e do homem, com seus anseios e necessidades ao longo do tempo de nossa existência. O artista e/ou cidadão do passado responde ao seu tempo histórico, e o artista de hoje também, atuando conforme as dinâmicas sociais, políticas e culturais. São amplas as condições de interdependência do fazer artístico que se consolida diante de mecanismos psicológicos, de vivências e de interações com os espaços da cidade.

O que mobiliza este livro é contextualizar uma visão epistemológica e transdisciplinar da produção artística dos GLs, com aspectos históricos, filosóficos/poéticos e antropológicos/etnográficos, num diálogo com saberes no campo do urbanismo, arte/ativismo, literatura, poesia, numa experiência compartilhada, colaborativa, nas diversas dinâmicas estruturantes da cidade, com aspectos e sentidos de transcendência, na amenização do ambiente urbano, em busca de uma cidade mais gentil e tolerante. Isso se complementa com a visão de Henri Lefebvre, que fala da cidade como um lugar que atravessa necessidades de atividades criadoras, lúdicas, de informação, simbolismos, de imaginários, das quais as artes e o conhecimento se conciliam com a vida urbana (Lefebvre, 2011, p. 105).

O objetivo é levar para o leitor essa experiência dos GLs, que são frases, poemas curtos, realizados com diferentes técnicas de impressão, cheios de significados e discursos, num *locus*, que são os muros e/ou paredes da cidade. Paola Berenstein Jacques (2012, p. 11-15), por meio de seu livro *Elogio aos errantes*, ressalta essas experiências urbanas como possibilidades de experiências urbanas de alteridade, que valorizam o “outro” urbano, aquele homem comum que escapa, resiste e sobrevive no cotidiano da anestesia pacificadora da cidade.

Nesse contexto, questões sobre **alteridade** trazidas pelos filósofos Martin Buber e Emmanuel Lévinas, dois pensadores que aprofundaram esse conceito, são abordadas estabelecendo bases para um pensamento dialógico de valorização do outro, dando sentido aos aspectos antropológicos e etnográficos, que interagem entre arte, literatura, filosofia e as práticas artísticas dos GLs.

O GL com a frase-poema “Eu amo a rua” (Figura 2), encontrado no centro da cidade, Rua do Carmo, é um ícone do sentimento com que João do Rio expressou seu amor pelo Rio de Janeiro, numa publicação da *Gazeta de Notícias* em 1905 (RIO, 2012, p. 28) e que até hoje nos encanta. Não é à toa que alguém escreveu essa frase no muro da cidade; ela persiste, o tempo passa, a cidade se transforma, mas o amor pela rua permanece.



Figura 2 – *Eu Amo A Rua* – GL encontrado na Rua do Carmo, Centro do Rio de Janeiro.

Foto desta autora.

Também o escritor Gian Fabra nos retrata poeticamente esse amor pela rua de forma encantadora. Ele percorre o espaço urbano num outro tempo, mais lento, num ócio criativo, que se manifesta por meio de flanagens e caminhadas:

Eu flanava pelas ruas do centro do Rio. A esmo. Driblando as obras públicas e o tempo. Entre gentes, ruínas e construções. Respirando com os olhos. Cevando-me no infinito que se encerra em meio à multidão. Sorvendo o ócio que irriga a criatividade [...] (Fabra, 2020, p. 169).

Esse espírito da cidade como território de vida, existência e subjetividades, atravessado por veias e artérias, cuja mobilidade se desloca no tempo, deixando marcas algumas vezes profundas, outras efêmeras, transitada por pés e rodas, em um contínuo fluxo de gente, carros, ônibus, metrô em busca de uma

harmonia possível para seu funcionamento, é o que se propõe nas ideias aqui colocadas.

Penetrando no âmago vivo, artístico e antropológico da cidade, o livro aborda a relação entre o espaço urbano e as ações de arte com um olhar discursivo e com o objetivo de contribuir para a história e a técnica do urbanismo como campo de conhecimento, além de suas interações com o conceito de alteridade urbana, como parte dos princípios de arte e ativismo, que são impulsionados por forças sociais poderosas.

A abordagem alude aos sujeitos da produção artística, individuais e coletivos, suas formas de atuação e concepção, sua relação com a produção transformadora dos tais espaços urbanos, olhando suas posições sociais e relações na esfera pública e privada, bem como suas demandas e processos de criação e construção de parcerias no campo das artes. Procura-se identificar possíveis relações, transgressões e/ou conflitos que emergem pelas fortes pressões econômicas e políticas na vida do cidadão, que se desdobraram ao longo do tempo, culminando com o mundo globalizado que, sob o pensamento do geógrafo Milton Santos alude a uma constante competitividade em escala mundial e numa enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos (Santos, 2010, p. 20). Esses fatores relacionam-se com a potência das ações de arte no ambiente urbano, que se constitui do fazer arte na experiência da cidade e aponta para o surgimento do artista como ser metropolitano que, segundo Nelson Brissac Peixoto, traz à tona questões da atualidade da obra para um sítio, um lugar específico (Peixoto, 2006, p. 489).

Essa perspectiva está ancorada nos aspectos da história, das artes, da filosofia, evidenciando os sentidos de estar e viver na cidade, nas múltiplas dinâmicas que emergem hoje nos grandes centros urbanos. São muitas as mensagens e diferentes interlocuções conferidas pelos GLs, cujos textos anunciam questões sociopolíticas e culturais do lugar onde vivemos.

Não se trata de um pensamento formalista e nem quantitativo, mas sim de apresentar um caminho multidimensional que abraça a diversidade, contendo a dimensão individual nos aspectos da alteridade; da arte nos seus sentidos na produção; e do espaço urbano e cultura na sua relação com a

imagem da cidade. Essas dimensões correspondem às diferentes faces de uma mesma realidade, que se desdobram em categorias disciplinares especializadas, tais como a arte/ativismo, história, antropologia, urbanismo, cujos aspectos evidentemente são necessários distinguir, sem isolá-los ou torná-los não comunicantes. O esforço é constituir um pensamento dialógico, sem que a dualidade se perca na unidade, mas sim considerando que “o todo está na parte que está no todo” (Morin, 2005, p. 189-190).

Para tanto, uma visão transdisciplinar se faz emergente com o objetivo de manter uma comunicação entre as temáticas aqui expostas, que coexistem e atravessam saberes, numa tentativa de sair da crise de fragmentação em que se encontra o conhecimento humano. Se entende por transdisciplinar, segundo Pierre Weil (1993, p. 30-31), o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade. A transdisciplinaridade é a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade e ela compõe um conjunto de disciplinas que permite distinguir, separar, opor, e, portanto, dividir relativamente os domínios científicos, mas, ao mesmo tempo, induzir a uma comunicação sem operar a redução como diz Edgar Morin (2005, p. 138).

Todos esses atravessamentos diversos, nos quais os GLs se inserem, são aludidos pela representação gráfica da Fita de Moebius, objeto cuja superfície aparenta ter dois lados, mas só tem um, sem início e fim, que nos ajuda a pensar as dinâmicas que interagem entre si, inclusive na passagem do tempo, como é o caso dos grafites em Pompeia, com cerca de 2.000 anos, num movimento constante de acontecimentos que permeiam a vida urbana, suas interações multidisciplinares e os desejos do cidadão, evidenciando a importância e o papel determinante para se refletir a cidade que vivemos e que queremos.



CAPÍTULO I

A cidade e seus processos

(...) É uma cidade feita só de exceções, impedimentos, contradições, incongruências, contra-sensos. Se uma cidade assim é o que há de mais improvável, diminuindo o número dos elementos anormais, aumenta a probabilidade de que a cidade realmente exista (...) (Calvino, 2008, p. 67).

ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES e processos pelos quais a cidade vem se desenvolvendo e o amplo campo epistemológico que envolve as ocupações do espaço urbano – e suas interfaces socioeconômicas, históricas, sociais e culturais – são determinantes nas questões de territorialidade na cidade contemporânea. Conexões e conceitos num processo dinâmico ajudam a compreender a complexidade dessa cidade, que caminham por suas primeiras formações e posteriormente determinadas por fortes fatores econômico, questões importantes para contextualizar a cidade que vivemos.

Gestando o Urbano

Devido à busca pela sobrevivência, a necessidade de proteção é inerente a todo ser vivo nas suas mais diversas formas, vegetal ou animal, não sendo assim exclusiva da natureza humana. No desenvolvimento dos aglomerados humanos permanentes encontramos semelhanças ao que se verifica em outras espécies sociais, como é o caso das funções sociais das abelhas e suas colmeias, ou os formigueiros, que têm estruturas de dimensões imponentes e construídas com grande habilidade por seus membros.

O ser humano, nesse jogo, assim como as diversas espécies, nas suas formas de habitar e socializar, sofreu grandes trans-